

Para uma salvação da salvação: o *queer* em Ana Luísa Amaral¹

Mafalda Pereira*

BiFeGa - Universidade de Vigo; Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada

Resumo: Este ensaio procura demonstrar como Ana Luísa Amaral viu no *queer* um pensamento alternativo e de resistência aos discursos identitaristas, proferidos, não raras vezes, em nome de uma suposta salvação do mundo. Aliando o seu pensamento sobre o *queer* à sua conceção da linguagem poética, este ensaio pretende mostrar de que modo podemos pensar o *queer* em Ana Luísa Amaral como a possibilidade de uma salvação da própria ideia de salvação.

Palavras-chave: Ana Luísa Amaral, salvação, *queer*, poesia

Abstract: This essay seeks to demonstrate how Ana Luísa Amaral identified the queer as an alternative and resistant mode of thought against identitarian discourses, often proclaimed in the name of a supposed salvation of the world. By linking her reflections on the queer to her conception of poetic language, this essay aims to show how we may understand the queer in Ana Luísa Amaral as the possibility of a salvation from salvation itself.

Keywords: Ana Luísa Amaral, salvation, queer, poetry

Quando recebi o convite do Professor Pedro Eiras para participar nos Seminários da Salvação do Mundo, pensei, desde logo, que as reflexões que tenho desenvolvido para a minha tese de doutoramento, intitulada *Ana Luísa Amaral: uma Poética Queerente*, poderiam contribuir para a discussão. Imaginei vários caminhos possíveis, diversas formas de abordar a questão da salvação na poesia de Ana Luísa Amaral, temática que, aliás, me parecia bastante presente não só na sua poesia, mas também na sua obra ensaística. A princípio, considerei que o caminho mais evidente seria elaborar uma comparação entre *Às Vezes o Paraíso*, de 1998, e *Ágora*, de 2019, duas obras que, de modo mais explícito, tomam as narrativas bíblicas como objeto central da reflexão poética. E, como sabemos, essas narrativas fazem parte dos discursos sobre a salvação.

Se tomasse esse caminho, teria de mostrar como, em *Ágora*, Amaral republica (por vezes, com algumas alterações) alguns dos poemas presentes na última secção do livro *Às Vezes o Paraíso*, intitulada “A Leste do Paraíso”, tal como notou Maria Irene Ramalho (2020: 229). Optaria, provavelmente, por comentar a diferença entre os finais dos dois livros: enquanto *Às Vezes o Paraíso* termina com o poema “A terra dos eleitos”, lúcido diagnóstico das opressões e exclusões em que o sonho da Terra Prometida tem, ciclicamente, radicado, já *Ágora* desvia-se do livro de 1998, preferindo terminar de forma inconclusiva. Teria de mostrar que, no livro de 2019, o poema “A terra dos eleitos” ressurgiu, lembrando-nos de que a busca pela “terra da promessa” tem traçado “líquidas fronteiras”, “[f]eitas de leite e mel / para os eleitos // e de fel e de sangue / para os / outros” (2019a: 129-130). Contudo, depois desse poema, Amaral incluiu os poemas “Revelação” e “Prece no Mediterrâneo”, terminando assim o seu livro de 2019. Com a leitura deste último poema, mostraria o modo como Amaral preferiu terminar *Ágora* com a possibilidade de uma salvação da salvação. E explicaria o seguinte: se, ao concluir *Às Vezes o Paraíso* com “A terra dos eleitos”, Amaral sugere que os discursos da salvação têm desaguado repetidamente em lógicas repressivas, que dividem a história, mas também o presente, em grupos excluídos e grupos eleitos, em vítimas e opressores, na verdade, com este poema final, a poeta não aponta qualquer caminho alternativo a esse *continuum* de violência e exclusão. Já ao terminar *Ágora* com “Prece no Mediterrâneo”, Amaral abre uma possibilidade de romper essa lógica de violência, que acompanha todo o livro:

Em vez de peixes, Senhor,
dai-nos a paz,
um mar que seja de ondas inocentes,
e, chegados à areia,
gente que veja com coração de ver,
vozes que nos aceitem
(*idem*: 137)

Ainda que possa ser lida como uma súplica dirigida a Deus, esta “Prece” dirige-se também às figuras de poder responsáveis pelas políticas da Europa, tal como sugeri num outro lugar (2024: 97). Esta segunda leitura torna-se evidente quando associamos o destinatário de “Prece no Mediterrâneo” a versos anteriores como “Deus / é branco e homem” (1998: 70), do poema “Paraísos”, onde Amaral já falava da precariedade promovida pelas fronteiras identitárias e geopolíticas e da imagem falsamente salvífica e paradisíaca da Europa. A própria opção pela estrutura da prece adquire um sentido mais subversivo, se esse destinatário do poema englobar as figuras de autoridade que decidem quem entra e quem sai da Europa, que decretam as leis e moldam os afetos (o “coração de ver” e as vozes em aceitação).

Proferido em coro por quem poderíamos identificar como “vítimas” e dirigido a um vocativo “Senhor” que poderíamos categorizar como “opressor”, o poema “Prece no Mediterrâneo” pode ser lido como uma declaração de fé, por parte dos excluídos, na humanidade daqueles que se têm revelado mais desumanos – esses que têm o poder de dar a paz, ou, metaforicamente, “um mar que seja de ondas inocentes”. Enquanto forma de interpelação, a prece pressupõe que o destinatário permanece acessível à escuta e à mudança, recusando o fechamento absoluto da relação oprimido-opressor enquanto estrutura fixa e inabalável. Deste modo, a salvação da salvação contida em “Prece no Mediterrâneo” – a possibilidade de romper com a lógica de violência de “A terra dos eleitos” – estaria em acreditar no amor no seu sentido mais lato, isto é, na capacidade de vislumbre de humanidade no rosto do Outro, independentemente da posição que ele ocupa no binómio vítima-opressor. Neste sentido, concluiria com a ideia de que *Ágora* é uma reescrita de *Às Vezes o Paraíso*, ao procurar uma proposta de salvação diante do diagnóstico tão lúcido quanto paralisante de que não sabemos viver nem habitar o mundo sem as figuras de eleitos e excluídos. Terminaria provavelmente a evocar Maria Irene Ramalho, que, ao chamar a atenção para a relação entre estas duas obras conclui: “Ana Luísa Amaral escreve Ana Luísa Amaral. A poesia escreve-se na poesia” (2020: 229).

Referi no início que abordaria, neste ensaio, algumas reflexões que tenho desenvolvido a propósito da minha tese de doutoramento sobre a poética queer de Ana Luísa Amaral. Mas o que haverá de *queer* na relação entre os finais destes dois livros? Explicarei isto mais adiante. Gostaria de começar por expor a produtividade da dúvida inicial que explorei quando comecei a escrever este ensaio. Na verdade, o tom condicional que adotei para falar de *Às Vezes o Paraíso* e de *Ágora* inspira-se num método de escrita que Ana Luísa Amaral utilizava. Perante a angústia da página em branco e o não saber exatamente como começar, Amaral estruturou alguns dos seus textos a partir da dúvida, da hesitação – “Poderia falar sobre o corpo nalguma poesia, penso” (2017: 18); “De tantas coisas poderia falar. De tantas discrepâncias” (2013: 26); “Podia começar por esse espanto (...) Podia, realmente, começar por aí” (*idem*: 21).² Ao utilizar, na primeira pessoa, formulações no condicional e no pretérito imperfeito

(com valor condicional) como “poderia falar” e “podia começar”, Amaral dramatiza os momentos de tomada de discurso, quer no registo ensaístico quer no registo poético, o que faz com que os seus textos manifestem múltiplas possibilidades e caminhos em aberto, por não fixarem um rumo único para a abordagem de um tema. Quis começar exatamente por aí, pela dúvida de não saber exatamente por onde começar, sabendo que queria e não queria falar das obras *Às Vezes o Paraíso* e de *Ágora*, porque só falar delas não chegaria para dizer o que gostaria sobre a questão da salvação e do *queer* na poesia de Amaral. Foi a escrita da dúvida - e a incerteza da minha escrita inicial - que me conduziu a dois pontos centrais deste ensaio. Ao explorar a relação entre *Às Vezes o Paraíso* e *Ágora* percebi que seria mais produtivo abordar o *queer* na poesia de Ana Luísa a partir de poemas que aparentemente nada têm que ver com esse tópico. Foi também a análise destes dois livros que me fez compreender que Ana Luísa Amaral desconfiava da palavra “salvação”.

Além da crítica explícita aos discursos da salvação presente no poema “A terra dos eleitos” - e repare-se que nenhum dos poemas que abordei no início contém a palavra “salvar” ou seus derivados -, na verdade, se lermos a obra completa de Amaral, palavras como “salvar” ou “salvação” são raras. Vejamos dois momentos em que essas palavras surgem. No poema “O véu”, publicado em *Ágora*, a dita “salvação” é um direito reservado aos justos, não acessível a todos:

Não era como a arca
onde coubera tudo: bichos e gente, e água e mantimentos; e ainda
os justos, os que tinham direito à salvação que, sendo embora
poucos, ocupavam um espaço
mais largo que serpente
(Amaral 2019: 117)

No poema “Entre mitos: ou parábola”, de *Escuro* (2014), o verbo “salvar”, no infinitivo, surge associado àqueles que dizem deter uma nova verdade, capaz de resolver a desordem do mundo:

Também não sabe, essa esfinge resguardada em Delfos,
de como irá ser o futuro das coisas e do tempo,
mas sabe da chegada dos que,
em nome de um equilíbrio novo,
dizem poder salvar os tempos.
(Amaral 2014: 18)

Se, no dicionário poético de Ana Luísa Amaral, a palavra “salvação” remete para perspectivas e sentidos excludentes e opressivos, mesmo que invocada em prol de

ideias de justiça e equidade, penso que a poeta preferia uma outra palavra, também com um sentido salvífico, mas de forma mais aberta: a palavra “possibilidade”. Herdeira da poesia de Emily Dickinson, poeta que um dia disse “I dwell in Possibility - / A fairer House than Prose -” [“Habito a Possibilidade - / Uma Casa mais bela do que a Prosa -”] (2014: 130-131), Amaral concebia o poético do seguinte modo:

A literatura, talvez até mais a poesia, porque menos sujeita a uma lógica de mercado, sendo algo que tenta atingir a claridade, fornecendo-nos um sentido de ordem dentro deste mundo tão cruelmente desordenado, é o espaço privilegiado para exercitar desconjunções, representando também a busca pelo próprio conhecimento das possibilidades. (2019b: 65)

Por outras palavras, se o poético dá alguma ordem à desordem do mundo, fá-lo porque desarticula conceções que tínhamos como certas. Ao expô-las à dúvida, em busca daquilo que o humano entendimento não é capaz de dizer, o poético revela novos campos do possível, colocando em causa as certezas proclamadas pelos discursos da salvação.

Esta experiência da possibilidade inerente ao poético, de que fala Ana Luísa, encontra-se intimamente ligada ao pensamento apofático, que William Franke defende como essencial nos nossos dias, no seu recente volume *On the Universality of What Is Not: The Apophatic Turn in Critical Thinking*. Face à proliferação de vários discursos identitaristas, Franke considera que nos falta um horizonte universal, um ethos partilhado, inclusivo e capaz de produzir consenso (2020: 3). Para o filósofo norte-americano, esse universal seria a busca pelo apofático, que significa literalmente o negativo da linguagem, o que se afasta dela. Segundo Franke, seria essa busca pelo inefável que nos levaria a abandonar “o impulso de definir positivamente o universo e as relações que nele mantemos” (*idem*: 4). Para o filósofo, “ao desapegarmo-nos da realidade que definimos, paradoxalmente ligamo-nos à base comum de uma realidade compartilhada, necessária para que possamos, juntos e de forma responsável, perseguir os nossos projetos coletivos em aberto” (*ibidem*).

Em *On What Cannot Be Said: Apophatic discourses in philosophy, religion, literature, and the arts* (2007), no primeiro volume intitulado *Classic Formulations*, William Franke traça a origem da palavra “apofático”:

“Apophasis” lê se, etimologicamente, [...] como ‘afastamento da fala’ ou ‘dizer para longe’ (*apo*, ‘de’ ou ‘para longe de’; *phasis*, ‘afirmação’, de *phemi*, ‘afirmar’ ou ‘dizer’), e isso aponta na direção do ‘des dizer’ e, em última instância, do silêncio como virtualidades da linguagem que tendem a sustentar e a subverter qualquer significado passível de articulação discursiva. (2007: 2)

Ao longo de vários anos de trabalho e de vários volumes, Franke procurou demonstrar como a descoberta da indizibilidade marcou o discurso filosófico e poético, desde a antiguidade até aos nossos dias. A consciencialização da insuficiência dos saberes humanos diante do mistério da realidade - muito ligada à própria impossibilidade de definir Deus - fez com que a busca pela infinitude do apofático marcasse a tradição intelectual ocidental. Em diálogo com essa tradição, nos últimos séculos, uma série de escritores e escritoras têm explorado a exigência de trazer à luz aquilo que inevitavelmente foge ao discurso. A busca desse real mais real, impossível de apreender, ou, se quisermos, a busca da Verdadeira Vida é justamente da responsabilidade dos poetas, ao procurarem incessantemente esse resto que escapa às palavras, sabendo que precisam delas para o poder dizer.

Ana Luísa Amaral, como poeta, sabia disto muito bem e o seu poema “Amendoins”, publicado em *Epopeias* (1994), pode ser lido justamente como uma expressão do apofático, pois nasce da afirmação da própria incapacidade de se dizer. Quando a poeta diz “Não sou capaz. Bem tento que ele venha, / o tal olhar diagonal das coisas” (1994: 36), esta expressão (que viria a dar título à sua obra reunida) é justamente o indizível, a impossibilidade de dizer. Contudo, se o poema nasce ironicamente do seu próprio fracasso, ele oferece-nos uma pequena receita para transformar essa impossibilidade em possibilidade. O verdadeiro obstáculo do fazer poético encontra-se nas pessoas que lhe surgem “tão sérias, / tão capazes nos seus discernimentos” (*ibidem*). “Se fosse um tempo antes” (*ibidem*), diz a poeta, conseguia ver blakianamente o mundo num amendoim, transformando o banal em acontecimento poético. O grande obstáculo é a certeza das pessoas, a normalidade e a sensatez do mundo que observa.

Com o ensaio “Maneira de ao desviar ser centro” de Rosa Maria Martelo, sabemos que “Amendoins” contém uma teoria poética. O poema, para nascer, depende de uma troca de perspectivas, de uma abertura do olhar da poeta às coisas e de uma abertura do olhar das coisas à poeta: “o olhar é simultaneamente um modo oblíquo de ver (uma acção que radica no sujeito) e um modo oblíquo de ser visto (uma acção que radica no entorno desse mesmo sujeito, que por sua vez é visto, interpelado pelas coisas mesmas)” (Martelo 2023: 21). Mas essa abertura do olhar depende da dúvida, de um questionamento da aparente evidência das categorias com que nomeamos e concebemos o mundo. É essa postura ética de incerteza que nos conduz ao indeterminado, ao confronto com o que não conseguimos dizer nem saber, ou ao *tal olhar diagonal das coisas*.

São muitos os poemas de Ana Luísa Amaral que abordam o apofático, isto é, a experiência da falha da linguagem. As vozes que povoam a sua poesia dizem, despudoradamente, que não sabem dizer o que pretendem - basta lembrar títulos de poemas como “Não sei como dizer e todavia” (2015: 23) ou a formulação repetida, em Ara, “Não sei exatamente como começar” (2013: 21). Há ainda muitos outros, como “Experiências e evidências” (2021: 40-41), do seu último livro, *Mundo*, que

falam dos limites da nossa percepção e, por sua vez, da nossa parca acessibilidade ao conhecimento. Contudo, mesmo sabendo que dar nome às coisas é sempre um “reduzido ofício”, como diz em *What’s in a Name* (2017a: 7), Ana Luísa Amaral sempre falou de nomes e, por isso, hoje temos poemas-impossíveis, como “Excesso mais perfeito”, de *Às Vezes o Paraíso* (1998), ou um romance-rascunho, que nem uma história conseguiu começar, como *Ara* (2013) – dois exemplos desse profundo desejo pelo indizível.

Se a tradição do apofático sistematizada por William Franke foi importante para a formação poética de Ana Luísa Amaral – pois aí Franke inclui não só a Bíblia, mas também Emily Dickinson e outros poetas com os quais Amaral dialoga –, creio que à sua busca poética pelo “apofático” a poeta chamaria de *queer* ou *queerente*.

Vejamos este passo de Ariel, em *Próspero Morreu* (2011):

Nem homem nem mulher,
nem gente nem criança,
mas tudo, e ainda o resto,
Do éter e do ar,
da água e fogo, eu sou diferente
(Amaral 2011: 29)

A propósito deste excerto, Marinela Freitas sublinhou o modo como Ariel procura desnaturalizar a linguagem, ao “revelar como as categorias que temos à nossa disposição são muitas vezes inadequadas, porque curtas” para falar da diferença (2019: 124). Partindo da ideia de “escrita *queerente*” proposta por Amaral em 2014 no ensaio “Da ‘exposição de meninas na roda’: a recepção em Portugal de Novas Cartas Portuguesas” (Amaral/Freitas 2014: 67),³ Freitas identificou a ideia de “resto”, que compõe a desidentidade da personagem, como “o não-pensado, o não-dito, o que resiste a ser categorizado, o *queer*” (*ibidem*).

Creio que, se William Franke via o apofático como o horizonte universal que nos falta, Ana Luísa via justamente o mesmo no *queer*. Reconhecendo, como Adrienne Rich, que a língua que fala e de que necessita para escrever poesia é também a língua do opressor,⁴ a busca pelo resto dessa linguagem, pelo que não pode ser dito, tinha como horizonte uma ideia de justiça universal. É precisamente o que Amaral diz quando volta a propor, em *Arder a Palavra e outros Incêndios*, a noção de escrita *queerente* – uma escrita que aspire “a que as diferenças se possam tornar a indiferença” (2017b: 89).

Contudo, em contraste com o apofático que para Franke seria o incontextualizável por excelência (2020: 368), o *queer* detém a sua força do contexto em que surgiu. Ele representa precisamente a possibilidade de uma utopia da linguagem, por constituir um exemplo histórico da reversibilidade das propriedades opressivas da língua.

Originalmente utilizada para designar algo “estranho”, “peculiar” e “excêntrico”, a palavra “queer” passou a ser usada, posteriormente, como um instrumento de opressão, como uma forma pejorativa de nomear a homossexualidade.⁵ No final do século XX, graças à sua reivindicação por parte das próprias identidades marginalizadas pela vergonha associada ao seu desvio à heteronormatividade, o termo passou a ter um significado distinto: o de orgulho na diferença, fazendo assim do impossível o possível. O *queer* foi resgatado das ruas para o espaço académico, em 1990, e o termo ganhou produtividade teórica, sendo reconhecido menos como uma identidade do que como uma crítica à própria ideia de identidade (Jagose 1996: 131). O *queer* seria tudo o que questiona os discursos dominantes, tudo o que coloca em causa definições e categorias rígidas, na verdade excludentes, por serem incapazes de dar conta da multiplicidade e da plasticidade do mundo.

Ao mostrar que qualquer movimento de reivindicação da diferença é, na verdade, uma reivindicação dessa não-identidade indefinível que nos une a todos e a todas, o *queer* aponta justamente para esse resto incategorizável que nos constitui, e cujo menosprezo tem conduzido a lógicas de opressão e exclusão. Sendo o *queer* o próprio indizível, essa pequena palavra que contém nada, tudo e ainda o resto, é justamente a sua não-identidade que orienta para um horizonte de esperança na busca por um mundo e uma linguagem de facto inclusivos.

Se a busca dessa utopia, dessa linguagem queerente já se encontrava latente desde o seu primeiro livro, *Minha Senhora de Quê* (1990) – onde o primeiro poema esboça esse desejo inclusivo por uma “terra de ninguém”, pois não lhe chega “o conquistado à custa / de silêncios” (1990: 7) –, é em *Ara* que Ana Luísa teoriza a possibilidade de a linguagem poder finalmente sair do armário da violência. Ao desocultar os efeitos excludentes da naturalização e da suposta neutralidade dos códigos linguísticos, o capítulo “Em nova voz de gente” ilustra exemplarmente esse processo, tornando visível o modo como a linguagem esconde, exclui, hierarquiza e legitima desigualdades:

Meu amor. Até o termo roubado a outra língua, a única que sei. Com ela criaria, se pudesse, coisas mais insensatas e mais belas que eles jamais fizeram. Com ela dir-te-ia o que não devo em frente dessa gente. O círculo da vida: então nós caberíamos. Não linha periférica, mercadoria andante onde sobramos, mas um círculo mágico com o mundo e nós dentro. Uma língua diferente far-nos-ia – para eles – reais.

Mas é por esta língua, a única que sei, que te posso falar. Com ela criarei um pôr-dol maior. Catedrais que conversem, não feitas de silêncio, nem de espuma, nem deuses. Catedrais onde caibas e eu caiba. O tempo mais pequeno cada vez. Passageira humidade no olhar quando te vir. Pequena reverência de ternura. Hei-de fazer contigo um círculo maior e só de paz. Com as mesmas palavras, então palavras novas. A caber. (2013: 74)

Dito de outro modo, para sair do armário da violência da linguagem - neste excerto, protagonizado pelo carácter excludente da palavra “catedral” no plural, epítome da instituição católica e, por sua vez, da ordem heteronormativa que legitima e promove - e alcançar uma língua sem centros, nem periferias, afinal, a língua do amor e da inclusão, a receita seria procurar o que as palavras excluem ou silenciam, ver o que lhes continua a faltar, desautorizando-as e abrindo-as ao resto, sempre infinito, que lhes escapa.

Cumpr-me regressar ao início para explicar a relação dos livros *Às Vezes o Paraíso e Ágora* com o *queer*. Em contraste com “A terra dos eleitos”, “Prece no Mediterrâneo” cria uma salvação onde todos podemos caber. Ao apontar tanto para inaceitabilidade da violência como para a necessidade de amar mesmo o que consideramos mais desumano, “aspirando a que as diferenças se possam tornar a indiferença” (2017b: 89), este é um poema queerente.⁶ “Prece no Mediterrâneo” constitui, na verdade, uma crítica à noção de identidade estável, que tanto reduz a complexidade humana a características visíveis e estereotipadas como tem sido responsável por polarizações sociais, ataques à solidariedade, genocídios e outros crimes contra a humanidade - paradoxalmente cometidos em nome de uma suposta salvação, na verdade sempre identitária. Sendo essa defesa da identidade o que tem dividido a história em vítimas e opressores, “Prece no Mediterrâneo” aponta para um resto, um indefinível, um não-dito que escapa às categorias fixas de identidade e que, por isso, abre a possibilidade de as ultrapassar. E esse indizível é o apofático, o horizonte de universalidade que William Franke diz que nos falta e é também o que Ana Luísa Amaral concebia como *queer*: a não-identidade indefinível que todos partilhamos, mas ninguém possui, e que nos permite reconhecer no outro a nossa comum precariedade.

Assim, a dúvida é essencial. É ela que torna possível a relativização das definições e categorias que nos limitam, permitindo-nos ver na diferença o seu negativo, a indiferença: a verdadeira utopia possível. Mas, para isso, esse reconhecimento tem de ser mútuo. Só assim, como vimos, podemos vislumbrar o *tal olhar diagonal das coisas*.

Notas

* Mafalda Pereira é investigadora pré-doutoral em Estudos Literários na Universidade de Vigo, com um contrato financiado pela Xunta de Galicia e pela União Europeia (2024-2028). Encontra-se a desenvolver um projeto de doutoramento sobre a poesia de Ana Luísa Amaral, em regime de cotutela com a Universidade do Porto. É membro do grupo de investigação BiFeGa da Universidade de Vigo e do grupo Intersexualidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML). É investigadora colaboradora da I Cátedra Internacional José Saramago.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/00500/2025 - <https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>).

² O primeiro exemplo encontra-se no ensaio “Sublime precário: tempos, corpo e poesia”, publicado em *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (2017). Os outros dois exemplos fazem parte de “Discrepâncias (a duas vozes)”, publicado em *Se Fosse um Intervalo* (2009) e em *Ara* (2013).

³ Ainda que este ensaio de 2014 venha assinado por Marinela Freitas e Ana Luísa Amaral, Freitas diz-nos que o conceito de “escrita queerente” foi concebido pela poeta (2019: 125).

⁴ Os versos de Adrienne Rich a que me refiro são do poema “The burning of paper instead of children”, publicado em *The Will to Change: Poems 1968-1970* (1971): “this is the oppressor’s language /// yet I need it to talk to you” (2008: 84). Ana Luísa Amaral menciona este poema no seu ensaio “Se tudo fosse só êxtase súbito: poesia e mundo” publicado em *Arder a Palavra e Outros Incêndios*.

⁵ A palavra “queer” emergiu em língua escocesa, no século XVI (Valencia 2015: 20). O início do seu uso, em termos discriminatórios, não se encontra consensualmente definido. Em *Queer: A Graphic History* (2016), as autoras localizam-no no final do século XIX: “Se dice que el primer registro del uso de ‘queer’ como insulto homófobo es una carta de 1894 de John Sholto Douglas, marqués de Queensberry. Era el padre de Alfred Douglas, y es conocido por haber acusado a Oscar Wilde de tener una aventura con su hijo” (2020: 9). Já Sayak Valencia considera que “no es hasta el siglo xx que el término se usa de forma despectiva para enunciar la homosexualidad masculina, la primera mención en este sentido es de 1922 y el uso del término como sustantivo data de 1935” (2015: 20). Para uma compreensão mais aprofundada da etimologia da palavra “queer”, veja-se a secção “Etimologías (posibles) del término *queer*” do ensaio de Sayak Valencia (2015).

⁶ Curiosamente, poderíamos também ler este poema à luz da ideia de esperança *queer* que Peter Haysom-Rodríguez identificou no último livro de Ana Luísa Amaral, *Mundo*, quando participou nos Seminários da Salvação do Mundo (2024: 9-17).

Bibliografia

- Amaral, Ana Luísa (1990), *Minha Senhora de Quê*, Coimbra, Fora do Texto.
- (1994), *Épopeias*, Coimbra, Fora do Texto.
- (1998), *Às Vezes o Paraíso*, Lisboa, Quetzal Editores.
- (2011), *Próspero Morreu*, Alfragide, Caminho.
- (2013), *Ara*, Porto, Sextante.
- / Marinela Freitas (2014), “Da ‘exposição de meninas na roda’: A recepção em Portugal de *Novas Cartas Portuguesas*”, in Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas (orgs.), *Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo*, Lisboa, Dom Quixote.
- (2014), *Escuro*, Porto, Assírio & Alvim.
- (2015), *E Todavía*, Porto, Assírio & Alvim.
- (2017a), *What’s in a Name*, Porto, Assírio & Alvim.
- (2017b), *Arder a Palavra e Outros Incêndios*, Lisboa, Relógio d’Água.
- (2019a), *Ágora*, Porto, Assírio & Alvim.
- (2019b), “Da igualdade e das diferenças: como tu, como nós”, in Paulo César García e Emmerson Inácio (ed.), *Intersexualidades - Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo*, Uberlândia, O Sexo da palavra: 63-75.
- (2021), *Mundo*, Porto, Assírio & Alvim.
- Barker, Meg-John / Julia Scheele (2020), *Queer: Uma História Gráfica*, trad. Begoña Martínez, s.l, Editorial Melusina [2016].
- Dickinson, Emily (2014), *Duzentos Poemas*, ed. bilingue, trad. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Relógio d’Água.
- Franke, William (2007), *On What Cannot Be Said: Apophatic Discourses in Philosophy, Religion, Literature, and the Arts: Vol. 1: Classic formulations*, Indiana, University of Notre Dame Press.
- (2020), *On the Universality of What is Not: The Apophatic Turn in Critical Thinking*, Indiana, University of Notre Dame Press.
- Freitas, Marinela (2019), “‘Vergonha é não amar’: a poética queerente de Ana Luísa Amaral”, in Paulo César García e Emmerson Inácio (ed.), *Intersexualidades - Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo*, Uberlândia, O Sexo da palavra: 123-135.
- Haysom-Rodriguez, Peter (2024), “Esperança Queer na última poesia de Ana Luísa Amaral” in Pedro Eiras (org.), *Materiais para a Salvação do Mundo 7*, Porto, ILCML: 9-17.
- Jagose, Annemarie (1997), *Queer Theory*, Victoria, Melbourne University Press.
- Martelo, Rosa Maria (2023), “Maneira de ao desviar ser centro”, *Revista Colóquio/ Letras*, nº 212: 19-24.

- Pereira, Mafalda (2024), “Vozes apócrifas: profanações em *Ágora* de Ana Luísa Amaral”, *Cadernos de Literatura Comparada*, nº 51, 81-100. <<https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp51a6>> (último acesso em 22/12/2025).
- Ramalho, Maria Irene (2020), “Amaral, Ana Luísa, *Ágora*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2020, 144p”, *Revista da Anpoll*, 51(3), 225-229. <<https://doi.org/10.18309/anp.v51i3.1513>> (último acesso em 22/12/2025).
- Rich, Adrienne (2008), *Uma Paciência Selvagem: antologia poética*, ed. bilingue, trad. e org. Maria Irene Ramalho e Mónica Varese Andrade, Lisboa, Cotovia.
- Valencia, Sayak (2015), “Del Queer al Cuir: Ostranénie Geopolítica y Epistémica desde el sur glocal”, in Fernando R. Lanuza e Raúl M. Carrasco (org.), *Queer & Cuir: Políticas de lo irreal*, México, Fontamara: 19-37.